

ENTREGA POSTERIOR

Cathy Miller

O inverno nunca havia sido tão rigoroso. Do aconchego de sua poltrona, Stella observava a violenta precipitação dos flocos de neve açoitados pelo vento. Ela receava ficar perto da janela, com um temor injustificado de que a nevasca pudesse atingi-la, cortar-lhe a respiração, atraí-la para fora, para o caos. As casas do outro lado da rua estavam quase ocultas pela fúria arrebatadora dos flocos de neve. Com um gesto distraído, a anciã alisou a capa que cobria os braços da poltrona, sem tirar os olhos do espetáculo que se desenrolava do outro lado da vidraça.

Quando conseguiu desviar o olhar da cena, levantou-se com muito esforço da poltrona e aguardou alguns instantes para equilibrar-se e firmar os pés no chão. Endireitando as costas e vencendo a dor que ameaçava deixá-la com o corpo curvado para a frente, ela dirigiu-se com determinação para a cozinha.

Ao chegar à porta da sala contígua, ela parou, incapaz de lembrar-se do motivo que a conduziu até ali. O vento sibilante ameaçava atravessar o cano da chaminé acima do fogão e entrar na pequenina casa. Stella fixou os olhos castanhos no relógio na prateleira acima do fogão. A hora - 15h15 - a fez lembrar-se de que se dirigira à cozinha para retirar alguma coisa do freezer para preparar uma sopa. Outra refeição solitária que ela não tinha vontade nenhuma de preparar e, muito menos, saborear.

De repente, ela segurou a maçaneta da porta da geladeira e encostou a testa naquela superfície branca e fria, enquanto uma onda de auto piedade ameaçava subjugar-lhe. A perda de seu querido Dave naquele verão causava-lhe um sofrimento grande demais, difícil de aguentar. Como poderia suportar aquela angústia, aquele vazio do dia-a-dia? Sua garganta começou a doer, e ela fechou os olhos com força para conter as lágrimas.

Stella forçou-se a endireitar o corpo e sacudiu a cabeça em atitude de autopunição. Repetiu sua lista de agradecimentos. Tinha saúde, uma casa pequenina e renda suficiente para viver o restante de seus dias. Tinha livros, assistia à TV, fazia trabalhos manuais.

Gostava de cuidar do jardim na primavera e no verão, caminhar pelo parque deserto no final da rua e contemplar, da janela da cozinha, os pássaros do inverno ajuntando-se ao redor do comedouro. Mas hoje tudo está triste, ela pensou pesarosa, enquanto a nevasca batia na parede da cozinha, no lado leste da casa.

- Ah, Dave, que falta você me faz! Eu nunca fiz caso das tempestades quando você estava aqui.

O som de sua voz provocou um eco na cozinha. Ela ligou o rádio que estava no balcão ao lado de uma fileira de caixas de madeira muito bem alinhadas, começando com as mais altas e terminando com as mais baixas. Um coral de alegres músicas natalinas subitamente tomou conta da cozinha, mas aquilo só serviu para aumentar sua solidão.

Stella havia-se preparado para a morte do marido. A partir do momento em que o médico diagnosticou câncer terminal, ambos tiveram de enfrentar a luta inevitável para passarem juntos a maior parte do tempo que lhes restava. Dave sempre manteve suas finanças em ordem. Stella não tinha problemas dessa

natureza na viuvez. Havia apenas aquela terrível solidão... dias sem nenhum propósito.

Eles não tiveram filhos por opção. A vida lhes deu satisfação e conforto. Ambos se contentavam com suas carreiras agitadas e viviam felizes um com o outro.

Tiveram muitos amigos. Tiveram. Essa palavra era bem apropriada para o momento atual. É muito difícil perder a pessoa que amamos de todo o coração. Mas, ao longo dos anos, ela e Dave precisaram enfrentar, reiteradas vezes, a morte de amigos e conhecidos. Todos eles tinham mais ou menos a mesma idade - aquela idade em que o corpo humano começa a desistir de tudo, morrer. Mas era necessário enfrentar - eles eram velhos!

E agora, no primeiro Natal sem Dave, Stella estava sozinha.

Mabel e Jim a convidaram para passar os feriados natalinos com eles na Flórida, mas viajar seria pior que ficar sozinha em casa.

Além de sentir falta do marido, ela também sentiria falta da neve, do inverno e do aconchego de seu lar.

Com os dedos trêmulos, ela abaixou o volume do rádio para ouvir a música bem baixinho. Olhou para a geladeira rapidamente e decidiu que um prato de sopa quente seria uma refeição reconfortante naquela noite.

Para sua surpresa, Stella viu que o carteiro havia deixado correspondência em sua casa. Ela não ouvira o barulho das cartas sendo colocadas por debaixo da porta. Pobre carteiro, andando na rua sob esta neve! "Não há neve, nem tempestade que..." Com um inevitável estremecimento de dor, ela curvou-se para pegar os envelopes brancos e úmidos do chão. Entrou na sala de estar e sentou-se na banquetta do piano para abri-los. Eram, na maioria, cartões de Natal, e seus olhos sorriram tristemente diante da familiaridade das paisagens tradicionais e das mensagens cheias de amor. Com os dedos doloridos pela artrite, ela os arrumou cuidadosamente ao lado dos outros em cima do piano. Os cartões eram as únicas decorações de Natal da casa. Faltava apenas uma semana, mas ela não tinha ânimo para montar uma árvore simples nem o presépio que Dave confeccionara com as próprias mãos.

De repente, mergulhada naquela solidão, Stella cobriu o rosto enrugado com as mãos, apoiou os cotovelos nas teclas do piano, provocando um som forte e desafinado, e deixou que as lágrimas corressem livremente. Como seria possível atravessar o Natal e o inverno inteiro? Seu desejo era deitar-se na cama e cobrir-se com uma pilha de cobertores, e só sair de lá quando a primavera e seus amigos retornassem.

A campainha da porta tocou forte, abafando o som desafinado do piano. O toque foi tão inesperado que Stella teve de sufocar um grito de surpresa. Quem poderia ter tido a ideia de visitá-la em um dia como aquele? Enxugando as lágrimas, ela percebeu pela primeira vez quanto a sala estava escura. A campainha tocou de novo.

Usando o piano para equilibrar-se, ela se levantou e dirigiu-se para a porta de entrada, acendendo a luz da sala de estar. Abriu a porta de madeira e olhou, cheia de compaixão, pela tela da porta de proteção contra tempestades. Na varanda, açoitado pelo vento e pela neve, estava um jovem desconhecido, cuja cabeça descoberta mal podia ser vista por causa do grande pacote que ele carregava nos braços. Ela desviou o olhar para a rua, mas só avistou um pequeno carro, que não lhe deu nenhuma pista sobre a identidade do desconhecido. Voltando a olhar para o jovem, Stella notou que as mãos dele estavam sem luvas,

e as sobrelhas erguidas, com um ar esperançoso que começou a desaparecer por causa da neve que se formava no vidro. Reunindo coragem, a anciã abriu uma fresta da porta, e ele afastou o rosto do pacote para falar com ela.

- Sra. Thornhope?

Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça. Seu braço começava a tremer de frio e pelo esforço de manter a porta aberta contra o vento. Ele prosseguiu, dizendo o que ela já esperava:

- Trago uma encomenda para a senhora.

A curiosidade afastou o receio instalado em sua mente. Ela abriu mais a porta, o suficiente para o desconhecido passar, e recuou um pouco para dar-lhe espaço. Ele entrou trazendo consigo uma rajada de vento gelado. Sorrindo, colocou cuidadosamente a encomenda no chão e pegou um envelope do bolso. Enquanto ele lhe entregava o envelope, um som partiu de dentro da caixa. Stella deu um salto.

O jovem riu desculpando-se e curvou-se para levantar as abas da tampa da caixa e segurou-as para que Stella pudesse olhar dentro.

Ela aproximou-se cautelosamente e olhou para baixo.

Era um cão! Para ser mais exato, um pequenino cão de pêlos dourados, da raça Labrador. O jovem segurou o trêmulo cãozinho nos braços e explicou:

- Ele é seu, senhora. Tem seis semanas de idade e é um cão doméstico.

O cãozinho abanou a cauda, feliz por ter sido libertado do cativo, e começou a lamber o rosto de seu benfeitor.

- Tínhamos a intenção de entregá-lo na véspera de Natal - ele prosseguiu com um pouco de dificuldade, tentando desviar o rosto das lambidas do cãozinho -, mas hoje é o último dia de expediente no canil. Espero que a senhora não se importe por ter recebido o presente antecipadamente.

Estarrecida e sem poder raciocinar com clareza, incapaz de formar frases coerentes, ela gaguejou:

- Mas... eu não... isto é... quem...?

O jovem colocou o animal no capacho entre eles e apontou para o envelope que ela continuava a segurar.

- Há uma carta aí dentro explicando tudo, e muito mais. O cão foi comprado em julho, quando a mãe dele ainda estava prenhe, para ser oferecido como presente de Natal. Se a senhora puder aguardar um instante, vou buscar mais algumas coisas que deixei no carro.

Antes que Stella pudesse dizer alguma coisa, ele já havia partido, retornando momentos depois com uma caixa enorme de alimentos para cães, uma correia e um livro intitulado Como Cuidar de Seu Cão Labrador. O cãozinho ficou o tempo todo sentado aos pés de Stella, fungando feliz e olhando para ela com seus olhos castanhos.

O jovem já se preparava para ir embora. Palavras aflitas brotaram dos lábios dela:

- Mas quem... comprou este cãozinho?

Parado na porta entreaberta, ele deu a resposta que quase foi levada pelo vento, que despenteava seus cabelos:

- Seu marido, minha senhora.

E desapareceu de vista.

A carta explicava tudo. Esquecendo-se completamente do cãozinho aí:> ver aquela grafia tão familiar, Stella caminhou como uma sonâmbula até sua poltrona

perto da janela. Sem se dar conta de que o cãozinho a havia seguido, ela forçou os olhos rasos de água a lerem a carta do marido. Ele a escrevera três meses antes de morrer e a deixara com os proprietários do canil para que fosse entregue posteriormente com o cão. Na carta, ele dizia que aguardava com ansiedade o dia em que ambos voltariam a ficar juntos. Era seu último presente de Natal para ela. A carta continha palavras de amor, incentivo e conselhos para que ela fosse forte. E ele havia enviado aquele animal para fazer-lhe companhia.

Lembrando-se do cãozinho pela primeira vez, ela surpreendeu-se ao vê-lo sentado e olhando para ela, com uma espécie de sorriso cômico na boca. Stella pôs as páginas de lado e estendeu a mão para pegar aquele animalzinho de pêlos dourados. Havia imaginado que ele era mais pesado, mas tinha o peso e tamanho da almofada do sofá. Ela o segurou nos braços, e ele lambeu-lhe o queixo; depois, aninhou-se perto do pescoço dela. As lágrimas voltaram a correr diante dessa troca de afeto, e o cão ouviu o choro sem se mexer.

Finalmente, Stella o colocou no colo e olhou para ele solenemente.

Ela enxugou as lágrimas e tentou sorrir.

- Bem, criaturinha, aqui estamos, você e eu.

Com a língua rosada de fora, o cachorrinho fungou concordando.

O sorriso de Stella tornou-se mais radiante, e ela desviou o olhar para a janela. Era hora do crepúsculo, e a nevasca parecia ter abrandado. Através dos flocos de neve que agora caíam com mais suavidade, ela avistou as lâmpadas de Natal que enfeitavam as beiras dos telhados das casas vizinhas. Os acordes da música "Alegria do Mundo" ecoavam da cozinha.

De repente, Stella foi tomada por uma enorme sensação de bênção e de paz, como se estivesse recebendo um abraço carinhoso.

Seu coração batia penosamente, mas de alegria e de surpresa, não de sofrimento ou de solidão. Ela nunca mais se sentiria sozinha.

Voltando a atenção para o cão, ela lhe disse:

- Sabe de uma coisa, meu amiguinho? Tenho uma caixa no porão de que você vai gostar muito. Dentro dela, há uma árvore e alguns enfeites e luzes que vão deixar você encantado! E acho que aquele antigo presépio também está lá. Vamos procurá-los? O cachorrinho latiu feliz, como se tivesse entendido cada palavra.